

O TEATRO NA ESCOLA: QUANDO O TEATRO AUXILIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM POSSIBILITANDO O EXERCÍCIO DA REFLEXÃO¹

THEATRE SCHOOL: HELPS WHEN THE THEATRE IN LEARNING PROCESS ENABLING THE EXERCISE OF REFLECTION

Janaina Souza Teixeira²
Jucemara Rossato³
Andressa de Rodrigues Flores⁴
Elocir Guedes Soares⁵
Pâmela Pozzer Centeno Nunes⁶
Stéfani Martins Fernandes⁷
Yane Ribeiro de Freitas⁸

Resumo

O presente artigo trata sobre um projeto desenvolvido pelos bolsistas PIBID, subprojeto História, na Escola Estadual de Educação Básica Augusto Ruschi, em consideração a peça teatral “Brasil dos Coronéis”. A partir desse ponto, pretende-se discutir sobre a capacidade teatral de proporcionar campo para a construção e reflexão de ideias dentro do ambiente escolar, para isso é importante ressaltar a maneira com que o teatro é abordado, bem como o nível de conhecimento dos professores sobre o tema. A forma com que as escolas trabalham a Arte é determinante neste processo, pois geralmente é apresentada como atividade extracurricular ou alternativa para preencher períodos vagos. Sendo assim, este artigo pretende discutir a respeito do papel do Teatro nas escolas, alertando a respeito das armadilhas, que negligenciam o papel das Artes na construção do conhecimento formal.

Palavras-chave: Teatralidade; Arte; PIBID.

Abstract

This article discusses a project developed by scholars PIBID, subproject History, the School of Basic Education Augusto E. Ruschi into account the play "Brazil of the Colonels". From this point, we intend to discuss the theatrical ability to provide field for the construction and reflection of ideas within the school environment, it is important to stress the way the theater is discussed as well as the level of knowledge of teachers on the subject. The way schools work art is crucial in this process, which usually presents as extracurricular activity or alternatively to fill vacant periods. Thus, this article discusses about the role of theater in

¹ Trabalho vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID/CAPES.

² Mestre em História (UFSM). Professora do Curso de História. Coordenadora do Subprojeto História – PIBID/CAPES - Centro Universitário Franciscano. E-mail: janasouzateixeira@gmail.com

³ Professora da Rede estadual de Educação – RS. Supervisora do Subprojeto História – PIBID/CAPES - Centro Universitário Franciscano. E-mail: dornellesrossato@yahoo.com.br

⁴ Acadêmica do Curso de História. Bolsista do Subprojeto História – PIBID/CAPES - Centro Universitário Franciscano.

⁵ Acadêmico do Curso de História. Bolsista do Subprojeto História – PIBID/CAPES - Centro Universitário Franciscano.

⁶ Acadêmico do Curso de História. Bolsista do Subprojeto História – PIBID/CAPES - Centro Universitário Franciscano.

⁷ Acadêmica do Curso de História. Bolsista do Subprojeto História – PIBID/CAPES - Centro Universitário Franciscano.

⁸ Acadêmica do Curso de História. Bolsista do Subprojeto História – PIBID/CAPES - Centro Universitário Franciscano.

schools, warning about the pitfalls that neglect the role of the Arts in the construction of formal knowledge.

Keywords: Theatricality; Art; PIBID.

Introdução

Considerado uma das mais antigas expressões artísticas da humanidade, o Teatro (*théatron*) na sua origem grega significa “lugar de onde se vê”. Levando em consideração este significado e trazendo para as discussões sobre Educação, pode se perguntar: Como que se vê o Teatro na Escola? E como a Escola vê o Teatro? Nas próximas páginas pretendemos trazer uma rápida discussão sobre a união entre Teatro e Escola.

Muito tem se falado a respeito das contribuições e vantagens de metodologias de ensino, que abarquem o Teatro como instrumento de aprendizagem, pois os horizontes vislumbrados por este, sem dúvida alguma contemplam as necessidades do processo de ensino. Entretanto, a maneira com que se utiliza desta prática requer certo conhecimento prévio, uma vez que, a falta de planejamento afeta os resultados finais deste processo.

De acordo com a linha do tempo de Japiassu (2001), o Teatro desde a LDB (Lei de Diretrizes e Bases), de 1961, teve sua importância reconhecida à prática educacional, isso tanto é verdade, que com o Golpe Civil-Militar de 1964, o Teatro passou a ser visto como algo perigoso e subversivo e, pois, os textos trabalhados em sala de aula não escapavam da censura do período.

No ano de 1971, a partir da lei 5.692, passou a ser obrigatório o uso da Arte em ambiente escolar, incluíram-se nesse espectro as práticas teatrais. O que não significou uma abertura, mas sim uma maneira de controlar o que estava sendo feito no interior das Escolas.

Atualmente, o Teatro bem como as demais expressões artísticas, está presente e garantido por lei. A atual LDB, lei 9.394/96, “estabelece, referindo-se à Educação estética [...] a obrigatoriedade do ‘ensino de arte’ nos diversos níveis da educação básica” (JAPIASSU, 2001). Percebe-se que de acordo com a lei não há especificamente a palavra Teatro, mas sim “ensino de arte”, todavia o Teatro está entre as práticas artísticas mais dinamizadas nas escolas, dividindo com as que porventura também se fazem presente um componente em comum: a falta de preparação dos professores sobre estes assuntos.

Assim,

Neste momento, em que se discute a reformação dos cursos de pedagogia do país é oportuno chamar atenção para a necessidade de contemplar a especificidade das linguagens artísticas no currículo mínimo necessário a formação profissional do professor alfabetizador e das séries iniciais do ensino fundamental. (JAPIASSÚ, 2001, p.67).

O Teatro na escola, em certos casos, é visto como apêndice de algo mais importante, por exemplo, o conteúdo. Assim, o Teatro é usado indiscriminadamente pelos professores, que por falta de familiaridade com o assunto ou incapacidade de estudar o tema por fatores diversos, pouco se interessam pelo processo de construção da teatralização, preocupando-se mais com a forma do que como o tema estudado é apresentado pelos educandos.

Outra questão importante que inevitavelmente interfere na prática teatral em escolas, é a estrutura do ambiente⁹ e as relações interpessoais dos envolvidos. Em “*Metodologia do Ensino de Teatro*” (2001) Japiassu destaca que,

Na rede pública, não é difícil constatar que o gerenciamento autoritário das unidades de ensino, a carência de espaços adequados para o trabalho com artes, a superlotação das classes, as instalações escolares precárias e os baixos salários pagos aos trabalhadores da educação têm afugentado a competência profissional [...], portanto, as pressões sociais e políticas de economia de mercado em processo de globalização [...] passaram a exigir a formação multilateral do educando, sinalizando a valorização do teatro e das artes na escolarização dos sujeitos (JAPIASSU, 2011, p. 67).

A dinâmica da sociedade atual, conforme sinalizou o autor, gera a necessidade de diversificação e maturação das metodologias de ensino, porém isso dependerá da maneira com que estas serão elaboradas. O Teatro necessita de um cuidado maior, no sentido de que tem o poder de reproduzir contextos distintos, ao ponto que negligenciá-lo no seu fazer, significa abrir espaço para generalizações e discursos racistas.

1. Metodologia

Para além da construção de metodologias de ensino que ultrapassem limites conservadores e dogmáticos, o grupo de bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/UNIFRA), propôs à turma do oitavo ano do ensino fundamental da Escola Augusto Ruschi, a construção de uma peça teatral inspirada no cenário político do Brasil durante a República Velha (1889-1930).

⁹ Entende-se por ambiente não somente as instalações da escola, mas o contexto social ao qual ela pertence.

Dessa ideia, surgiu a peça “República dos Coronéis”, que pretendeu unir conteúdo histórico aos práticas teatrais, que auxiliariam os sujeitos no processo de desenvolvimento psicossocial, pois

A Arte na educação como expressão pessoal e como cultura é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento individual. Por meio da arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada. (BARBOSA, 2003, p. 18)

Imbuídos desta responsabilidade o grupo de bolsistas já mencionados, primeiramente fez o levantamento dos educandos interessados em participar do teatro, totalizando um grupo de 10 componentes. Na sequência foi escolhido o tema para a encenação, juntamente com a professora regente da turma. Esse tema além de estar no cronograma de conteúdos do ano foi selecionado pelo fato de o ano ser de eleições. Após ser levantado o referencial teórico e textos referentes ao tema da encenação, foi construído o roteiro.

O roteiro foi apresentado à turma, sendo sujeito a alterações por parte dos alunos. Além dos ensaios feitos, os bolsistas e a professora regente auxiliaram os alunos na reflexão acerca do contexto onde a encenação é feita. Ao longo dos ensaios os alunos mostraram-se receptivos às ideias propostas, bem como conseguiram ligar os conhecimentos que já possuíam sobre o sistema de voto com o roteiro e contexto da encenação.

Os ensaios duravam aproximadamente uma hora e meia, sendo que o controle do tempo é fundamental para obter bons resultados. Para isso fora destinado um dia da semana no turno da manhã para os ensaios, totalizando cerca de três semanas de preparação antecedentes a apresentação, que aconteceu na segunda semana de junho de 2014.

Foram também desenvolvidas oficinas, teorizadas a partir de técnicas teatrais de Augusto Boal, priorizando o Teatro do Oprimido, tentando trazer para o cotidiano dos alunos as características que ainda permeiam a sociedade envolvendo a questão do voto.

2. Por que teatro na escola?

Na atualidade, deve-se utilizar de outros meios para a construção do conhecimento, em especial os conhecimentos de História. O Teatro foi selecionado e trabalhado como recurso por proporcionar a reflexão acerca do cotidiano, contribuindo também para a comparação e análise dos valores e da história da humanidade. Assim, relaciona-se aos estudos

historiográficos da disciplina de História, além de desenvolver as relações interpessoais, e refletir o papel dos participantes enquanto cidadãos.

Um fator importante que deve inevitavelmente estar presente na relação entre Teatro e Escola, é que a última não é palco para interpretações profissionais, portanto não se deve ter olhar técnico sobre a apresentação, que não é feita por atores, pois não é esta a proposta que sustenta esta relação.

Sendo que,

O teatro não deve ser realizado no formato de espetáculos [...] já que esse tipo de atividade gera uma expectativa por parte desses espectadores sobre o aluno. Pais, professores e colegas acabam esperando um desempenho profissional e na escola não há atores, há alunos desempenhando função lúdica, proposta como atividade didática (AMARAL, et alii, 2012, p.04).

Essa é uma questão de suma significância, sendo que a preocupação do ‘fazer bonito’ gera muita expectativa no sujeito. Daí vem o cuidado que os professores bem como a escola devem ter durante o desenvolvimento de atividades desta natureza, que em muitos casos não acontece, pois não há clareza nesta diferenciação entre Teatro de sala de aula e Teatro dos grandes palcos. A partir de JAPIASSU (2007), pode-se concluir que é importante que as práticas teatrais ampliem seus limites para além do campo da arte restrita aos teatros e seja uma prática educacional.

O contexto social ao qual a Escola pertence e as relações interpessoais que se formam a partir daí é fundamental para não recriar os comportamentos perigosos durante a encenação, mas sim transformá-los. Por exemplo, certo sujeito que sofre *bullying* dentro da escola, não pode encenar um personagem na mesma esfera, pois isso pode afetar negativamente sua autoestima. Isso requer muita atenção e estudos por parte da Escola e, principalmente, dos professores.

Segundo Reverbel (1996, p, 25):

O professor deve adaptar as atividades e ordem de aplicação de cada conjunto às condições de espaço, de material colocado à disposição das crianças e, principalmente, partir da sua própria percepção dos tipos de personalidade das crianças com quem trabalha. O educador deverá adaptar o ensino a cada momento, a cada criança e a cada grupo.

Reverbel preocupa-se com a questão do contexto em que os sujeitos se manifestam, por isso captar suas possibilidades para trabalhar na desconstrução e transformação de suas

fragilidades é o principal objetivo quando se lança mão de determinada metodologia de ensino. O Teatro deve transcender a mera exposição de conteúdos desarticulados, para unir-se de forma integrada ao sujeito alavancando assim a possibilidade de reflexão a respeito de sua realidade.

Japiassu, em “*A Linguagem Teatral na Escola*” (2007) denomina esta capacidade teatral de trazer a reflexão em forma de encenação de “*pensament(o)ação*”¹⁰, sendo que o autor amplia essa noção não somente ao universo teatral, mas as demais manifestações artísticas que apresentam-se no universo escolar. Entretanto, o Teatro materializa muito bem a expressão do autor, “aquela” viagem do pensamento para a prática, que inevitavelmente cria mais campo para reflexão, pois quem assiste apropria-se da ideia que ganha vida no teatro (ação), (re)significando-a e transformando-a.

Considerações finais (I) gerais

Retomando ao significado histórico do Teatro “lugar de onde se vê” percebe-se que o que é visualizado nem sempre está de acordo com aquilo que este realmente poderia proporcionar, enquanto Teatro escolar. Destaca-se a importância da cautela, da responsabilidade e do conhecimento mesmo que introdutório a respeito do universo cênico.

O Teatro aliado a Educação deve criar campo para a fixação, crítica e reflexão de informações distintas, bem como, serve ao sujeito ao tempo que trabalha na superação de suas inibições.

Para isso, compreender o contexto social é fundamental, sendo que o presente momento da nossa sociedade, as mídias (televisão, internet, etc.) reforçam o fato das pessoas estarem atentas sobre o candidato em que votar, pois o mesmo será seu representante na busca por melhorias para sua cidade, estados e país. Isso diz respeito especialmente aos jovens, pois estes estão em grande número e serão futuros votantes.

Envolvidos nessa questão, o grupo de bolsistas preocupou-se em aliar o Teatro a uma temática que fosse relevante às demandas da Escola e da comunidade em que ela está inserida, elegendo a Política como eixo norteador das atividades. Esse é o grande ganho da

¹⁰ Para compreender melhor o conceito de ‘pensament(o)ação’, cf. *A Linguagem Teatral na Escola* (JAPIASSU, 2007).

expressão artística em sala de aula, quando vem da realidade presente, alcança objetivos surpreendentes na medida em que está próxima do sujeito conseguindo materializar-se nas ações deste.

Dessa forma, o Teatro na Escola só consegue propiciar reflexão, quando for compreendido como um corpo de ações que afetam o sujeito em suas esferas mais particulares, das emoções ao pensamento mais racional, do íntimo ao sentimento mais compartilhado. Portanto, o Teatro na Escola deve processar a informação daqueles conteúdos apresentados, pois ao trabalhar as expressões dos sujeitos o Teatro tem a capacidade de familiarizá-los às informações.

Na escola onde o grupo desenvolve as atividades já apresentadas, houve a preocupação de associar o Teatro a seguinte dinâmica: *Sujeito>Teatro>Informação=Reflexão*. Percebe-se que o Teatro está entre o sujeito e a informação, pois ele tem a função de processar a informação, por isso é tão importante trabalhar técnicas teatrais antes de cada ensaio, pois são elas que preparam o sujeito para ação.

Em muitas escolas esta relação se apresenta de forma equivocada: *Informação>Sujeito>Teatro= Transmissão*¹¹. Neste caso o Teatro é apenas a roupagem, o sujeito está submetido à informação, que assume o protagonismo da relação, portanto não há interação entre Teatro e Educação, neste caso o cênico apenas reproduz, mas não constrói.

Considerações finais (II): Primeiros resultados

O processo de avaliação das práticas teatrais aliadas a Educação, não se limitam somente ao “dia da apresentação”, pois esta é o epílogo que, conseqüentemente, vai propiciar mais discussões. Como se falou inúmeras vezes em processo e levando em consideração a definição sistemática do termo, a avaliação deve apresentar a mesma natureza integradora.

Portanto, pode-se falar que o Teatro atingiu bons resultados, pois faz parte de um sistema de atividades que tem no seu cerne, a crítica aliada à reflexão como principal propósito. Nesta relação, entre conteúdo e prática conquistou benefícios satisfatórios.

¹¹ Neste caso a transmissão acontece sem reflexão.

Mas, o Teatro bem como as demais faces artísticas, que participam da vida escolar, não deve ser percebido somente pela simbiose com conteúdos específicos, não podemos esquecer-nos de falar da relação entre a expressão artística e o sujeito. O Teatro fomenta a interação dos sujeitos ao ambiente, fazendo-o refletir e principalmente tornando mais cômoda sua participação e atuação aos contextos sociais, ao passo que torna menos perceptíveis as privações dos sentimentos inibidores da ação.

Este estágio requer certo tempo para formalizar uma avaliação tanto de natureza “negativa” quando positiva, pois precisa de ações contínuas para que se chegue a um diagnóstico específico. Nesse instante inicial ressaltamos que é possível perceber uma tímida desinibição dos sujeitos, que aparentam aceitável porte de inibição, mas que aos poucos e de acordo com seu tempo apresentam maior receptividade às atividades propostas.

“O dia da Apresentação”, não legitima o processo avaliativo, ou seja, não deve possuir caráter determinante. Entretanto, é de extrema importância para o andamento das atividades, pois motiva os sujeitos a buscarem melhorar, auxilia enormemente para a revitalização da autoestima dos envolvidos, pois muitos se sentem valorizados e orgulhosos em demonstrar aos familiares e amigos suas personagens. Nesse sentido, a apresentação é o momento do “espetáculo”, por isso tende a tomar para si todas as atenções que forma a avaliação, entretanto configura-se como a consequência de um trabalho contínuo.

Sendo assim, as experiências mostraram-se produtivas no sentido de incluir os bolsistas *pididianos* aos alunos do Ensino Fundamental. Também, a partir da oficina de dramatização envolvendo o contexto do voto a cabresto, se trabalhou com as tecnologias do cotidiano dos estudantes, uma forma educativa de utilizar os recursos disponíveis. Destaca-se também o desenvolvimento no aprendizado dos bolsistas. Por fim, salienta-se que o Teatro é um recurso de grande aceitação e interação entre os estudantes, pois proporciona novas possibilidades de dialogar com o conhecimento.

Referências

BARBOSA. A. M. **Arte, Educação e Cultura**. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/mre000079.pdf>. Acessado em 10 de setembro de 2014.

TEIXEIRA, J. S.; ROSSATO, J.; FLORES, A. R.; SOARES, E. G.; NUNES, P. P. C.; FERNANDES, S. M.; FREITAS, Y. R..
O teatro na escola: quando o teatro auxilia no processo de aprendizagem possibilitando o exercício da reflexão

CORRÊA, I. A; OLIVEIRA, L. F.; RANGEL, E. F. M.; SANTOS, T. B. **O Teatro: Uma Prática Interativa e Sugestiva Para o Ensino.** Trabalho de pesquisa desenvolvido pelo projeto PIBID-Letras-UNIFRA. 2012.

INSTITUTO AUGUSTO BOAL. **A função política da arte.** São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://institutoaugustoboal.org/category/a-funcao-politica-da-arte/>>. Acesso em: 13 julho 2013.

JAPIASSU, R. **A Metodologia do Ensino de Teatro.** Campinas, SP: Papirus, 2001.

_____. **A Linguagem Teatral na Escola: Pesquisa Docência e Prática Pedagógica.** Campinas, SP: Papirus, 2007.

REVERBEL, O.. **Jogos teatrais na escola.** São Paulo: Editora Scipione LTDA. 1996.

Aceito em 10 de dezembro de 2014